

A história de vida que inspirou o filme

À PROCURA da FELICIDADE

“Um exemplo perfeito do sonho americano, uma autêntica história de superação.”

— *San Francisco Chronicle Book Review*

CHRIS GARDNER

QUINCY TROUPE



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2022

Sumário



Agradecimentos		xi
Nota do Autor		xiii
PREFÁCIO	Siga em Frente	1

PARTE UM

CAPÍTULO 1	Caramelo	15
CAPÍTULO 2	O Blues de um Filho sem Pai	31
CAPÍTULO 3	Onde Está Mamãe?	61
CAPÍTULO 4	<i>Bitches Brew</i>	77
CAPÍTULO 5	<i>Bitches Brew</i>	101

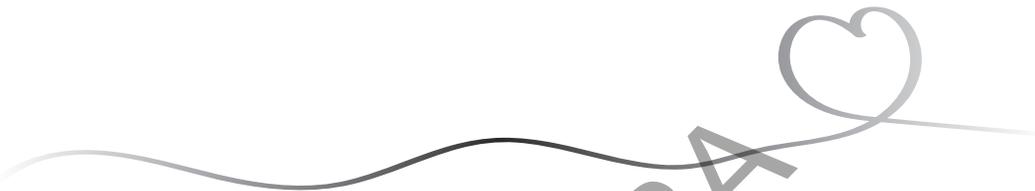
PARTE DOIS

CAPÍTULO 6	O Mundo Lá Fora	129
CAPÍTULO 7	Retratos de uma Vida	147
CAPÍTULO 8	Queda Livre	177
CAPÍTULO 9	Queda Livre	197
CAPÍTULO 10	Sonho Californiano	217

PARTE TRÊS

CAPÍTULO 11	Rosas no Gueto	255
CAPÍTULO 12	Esfera de Influência	271
POSFÁCIO	Mais Abençoado do que os Sonhos de Mil Homens	293

Caramelo



No esboço reminiscente dos meus primeiros anos de vida, desenhado por um artista impressionista, há uma imagem que se destaca — quando evocada, é acompanhada do delicioso aroma de açúcar caramelizando na panela, crepitando e borbulhando até se transformar magicamente em um caramelo puxa-puxa. Então, *ela* entra em cena, a belíssima mulher de pé em frente ao fogão, fazendo essa mágica só para mim.

Pelo menos era essa a sensação de um menino de três anos. Há outro aroma maravilhoso que emerge de sua presença enquanto ela se vira, sorri para mim e vai até o meio da cozinha, onde estou esperando ansiosamente ao lado de Ophelia, minha irmã de sete anos, e de Rufus e Pookie, duas das crianças que moram na casa. Enquanto ela tira o açúcar caramelizado da panela, despejando-o com a colher de madeira, puxa de um lado para o outro e depois o quebra em pedacinhos e coloca na minha mão estendida, observando enquanto me deleito com o saboroso doce, sua divina fragrância preenche de novo o ambiente. Não é perfume ou qualquer outro cheiro floral ou amadeirado — é apenas um aroma puro, acolhedor, *agradável*, que me envolve como se fosse a capa do Super-Homem, fazendo com que eu me sinta forte, único e amado, mesmo que ainda não saiba como definir esses sentimentos.

Embora eu não faça ideia de quem ela seja, consigo distinguir certa familiaridade, não apenas porque já estive ali e fez o mesmo caramelo, mas porque ela me olha de um jeito característico, como se falasse com os olhos: *Você se lembra de mim, não é?*

Nessa época da minha infância, e durante a maior parte dos primeiros cinco anos da minha vida, o mapa do meu mundo foi dividido em dois territórios: o do familiar e o do desconhecido. O primeiro era feliz e seguro, mas pequeno, um minúsculo ponto errante no mapa; enquanto o segundo era vasto, amedrontador e invariável.

Aos três ou quatro anos de idade, eu só sabia de duas coisas: Ophelia era minha irmã mais velha e melhor amiga, e o Sr. e a Sra. Robinson, os donos da casa em que morávamos, nos tratavam com carinho. Porém, eu desconhecia o fato de que era um lar adotivo e nem sequer sabia o que isso significava. Nossa situação — onde nossos pais biológicos estavam, por que não vivíamos com eles ou por que tínhamos que morar com tios, tias e primos — era tão misteriosa quanto as circunstâncias de qualquer outra criança no lar adotivo dos Robinson.

O mais importante era que eu tinha uma irmã que cuidava de mim e alguns amigos, como Rufus, Pookie e outros garotos, com quem eu saía para me divertir e fazer travessuras. O quintal e o restante do quarteirão eram territórios familiares e seguros, onde podíamos correr e brincar de pega-pega, pique-lata e esconde-esconde, mesmo após o anoitecer. A única exceção era a casa duas portas abaixo da dos Robinson.

Sempre que passávamos por ela, eu desviava o olhar, pois tinha medo de que a mulher branca que morava ali aparecesse de repente e me amaldiçoasse — de acordo com Ophelia e todas as outras crianças do bairro, a velha era uma bruxa.

Certa vez, Ophelia e eu passamos juntos pela casa; confessei que estava com medo da bruxa, mas minha irmã disse: “Ela não me assusta.”

A fim de comprovar sua coragem, Ophelia foi até o jardim da frente e surrupiou alguns frutos da cerejeira da mulher.

Com um sorriso no rosto, minha irmã devorou as cerejas. Passada uma semana, Ophelia entrou ofegante na casa dos Robinson, disparando escada acima. Enquanto tentava recuperar o ar em seus pulmões de criança, ela contou que a bruxa a flagrou na cerejeira, segurou seu braço e esbravejou: “Te peguei!”

Embora estivesse extremamente assustada, Ophelia logo resolveu que, como já tinha escapado da morte repentina uma vez, voltaria a surrupiar as cerejas. Porém me fez prometer que eu ficaria longe da casa da bruxa. “Lembre-se”, alertou, “se passar por lá e a velha estiver na varanda, desvie o olhar e não diga uma palavra, mesmo que ela o chame pelo nome”.

Eu não precisaria nem sequer prometer, pois nada nem ninguém me faria conversar com a bruxa. Ainda assim, meus pesadelos eram tão reais que eu poderia jurar que havia entrado furtivamente na casa da velha e acabara em um quarto escuro e assustador, cercado por vários gatos que se empinavam nas patas traseiras, mostrando garras e dentes afiados. Os pesadelos eram tão intensos que, por muito tempo, tive um medo e uma antipatia irracionais por gatos. Ao mesmo tempo, não estava totalmente convencido de que aquela velha era de fato uma bruxa. Talvez fosse apenas diferente. Já que nunca tinha visto nenhuma outra pessoa branca além dela, inferi que todas eram daquele jeito.

Então, novamente, como Ophelia era meu único recurso para entender o desconhecido, acreditei nela e acatei suas explicações. Porém, ao assimilar algumas informações sobre nossa família ao longo dos anos, recebidas principalmente de minha irmã e de alguns de nossos tios e tias, descobri que as respostas eram muito mais complexas.

Nunca me disseram como a belíssima mulher que fazia caramelo puxa-puxa se encaixava no quebra-cabeça, mas eu tinha uma intuição aguçada de que ela era importante. Talvez fosse a atenção especial que me dava, embora também fosse gentil com Ophelia e as outras crianças, ou talvez fosse nosso jeito secreto de conversar sem palavras. Em nossas conversas tácitas, ela me dizia que a minha felicidade a deixava ainda mais feliz; portanto, em alguma parte do meu âmago, assumi a primeira função da minha vida — fazê-la se sentir tão bem quanto eu me sentia em sua presença. Eu pressentia quem ela era, apesar de nunca terem me falado. Em uma de suas visitas, tive um lapso de reconhecimento enquanto a observava no fogão, mas minha suspeita só seria confirmada anos depois.

Mais do que linda, ela era deslumbrante, uma mulher de parar o trânsito. Não chegava a 1,65m, mas sua postura graciosa a fazia parecer muito mais alta; era negra de pele clara, mas não tão clara — quase da cor do açúcar caramelizado que se transformava em caramelo puxa-puxa. Suas unhas eram sobrenaturalmente fortes, capazes de partir uma maçã ao meio, algo que poucas pessoas conseguem fazer e que me impressionou para sempre. Ela se vestia com estilo — os vestidos bordôs e estampados se sobressaíam, com um echarpe ou xale jogado sobre os ombros para acrescentar um toque delicado e espontâneo. O brilho das cores e as camadas esvoaçantes de tecido davam a ela uma aparência que mais tarde eu descreveria como afrocêntrica.

Entretanto, as peculiaridades que mais revelavam sua beleza eram o olhar expressivo e o sorriso encantador. Passei a comparar aquele sorriso com o ato de abrir a geladeira durante a noite. Você abre a porta — o sorriso — e a luz preenche o ambiente. Mesmo nas noites em que não havia nada na geladeira além de água, o sorriso dela e a lembrança desse sorriso me traziam todo o conforto necessário.

Não sei exatamente quando ocorreu o lapso de reconhecimento, só sei que eu tinha uns quatro anos. Talvez tenha sido logo após ela me entregar um pedaço de caramelo, no momento em que finalmente pude retribuir aquele olhar, tranquilizando-a com meus próprios olhos: *Claro que lembro, você é a minha mãe!*

Nossa família era cheia de segredos. Ao longo dos anos, ouvi apenas partes da saga de minha mãe, contadas por várias fontes, e acabei inferindo que era quase uma história de Cinderela — sem a fada-madrinha, sem o príncipe e sem o felizes para sempre. Bettye Jean, a mais velha e única menina dentre os quatro filhos sobreviventes de Archie e Ophelia Gardner, veio ao mundo em 1928, em Little Rock, Arkansas, mas foi criada na pobre e rural Louisiana, durante a era da Depressão — em algum lugar perto de Rayville, uma cidade com quinhentos habitantes. As provações da pobreza e do racismo dificultavam a vida para os Gardner. Bettye e seu irmão Archie — que, já adulto, chorava ao se lembrar de como era caminhar até a escola pelas longas estradas empoeiradas nos anos 1930 e 1940 em Rayville — precisavam manter a cabeça erguida enquanto crianças brancas, em carroças ou a cavalo, passavam olhando, apontando, chamando-os de “negrinhos” e cuspidos neles.

Apesar dos tempos difíceis e da ignorância abominável, a infância de Bettye foi relativamente estável e repleta de amor. Idolatrada pelos três irmãos mais novos — Archie Jr., Willie e Henry —, ela era, de fato, uma jovem promissora, uma aluna exemplar que se formou como a terceira melhor da classe em 1946, na Rayville Colored High School. No entanto, seus sonhos rapidamente se desfizeram quando chegou a hora de iniciar a faculdade para seguir sua vocação como professora, começando com a morte repentina e devastadora da mãe. Tal como Cinderela, enquanto

Bettye ainda estava de luto, quase da noite para o dia seu pai se casou de novo, obrigando a filha a conviver com uma madrasta dominadora — cujo apelido, ironicamente, era Mãezinha — e alguns meios-irmãos competitivos. Bem no momento em que Bettye Jean dependia do apoio financeiro do pai para cursar a faculdade, a Mãezinha garantiu que o dinheiro fosse para a própria filha, Eddie Lee, que se formou na mesma turma de Bettye, mas não estava entre as melhores alunas.

Mesmo com o coração partido pela recusa do pai em ajudá-la, Bettye não desistiu e acabou conseguindo um emprego como professora substituta enquanto fazia um curso de cabeleireira. Porém, mais uma vez, quando precisou da ajuda financeira do pai para pagar as taxas administrativas, ele negou.

Apesar do talento, da inteligência e da beleza naturalmente concedidos a Bettye Jean Gardner, ela aparentemente não tinha tanta sorte em relação a homens — muitos pareciam destinados a desapontá-la, começando pelo próprio pai. Salter, um professor casado que declarou seu amor e prometeu deixar a esposa, acabou mudando de ideia quando Bettye ficou grávida. Como esperado, seu pai e a Mãezinha não ajudaram em nada. Eles deixaram claro que já era uma vergonha ser solteira aos 22 anos, mas ser *mãe solteira* era demais. Por esse motivo, eles a expulsaram de casa.

Assim começou a jornada de quatro anos de minha mãe para Milwaukee, onde seus três irmãos haviam se estabelecido. Ao longo do caminho, ela deu à luz Ophelia, minha irmã, cujo nome é uma homenagem à nossa avó materna. Então, durante uma viagem de volta à Louisiana, Bettye Jean conheceu um sujeito negro, alto e bonito. Seu nome era Thomas Turner, um homem casado que a conquistou romanticamente ou por força do destino. O resultado fui eu, Christopher Paul Gardner, nascido em Milwaukee, Wisconsin, em 9 de fevereiro de 1954

— afortunadamente, no mesmo ano em que a Suprema Corte dos EUA decidiu que a segregação racial nas escolas violava a 14ª Emenda.

Consoante a outros mistérios familiares, meu pai era um fragmento do vasto desconhecido que marcou a minha infância. Seu nome foi mencionado apenas uma ou duas vezes. Isso teria me chateado muito mais se eu não estivesse ocupado tentando desvendar outras questões mais urgentes, sobretudo como, quando, onde e por que minha sábia, forte e linda mãe se envolveu com Freddie Triplett.

Negro e alto, mas não exatamente bonito — às vezes ele lembrava Sonny Liston —, Freddie parecia uma indesejável cria de um pitbull com o Godzilla. Com 1,90m e 127kg, seu porte musculoso era atraente para algumas mulheres. Não sei o que chamou a atenção de minha mãe, mas deve ter sido alguma virtude que mais tarde desapareceu. Ou talvez, como eu suspeitava em minha imaginação infantil, ela tenha sido vítima de um feitiço que a fez pensar que ele era um príncipe transformado em sapo. Afinal, como os outros homens que se mostravam bons não eram confiáveis, talvez minha mãe tenha concluído que Freddie era o oposto — aparentemente perigoso, mas gentil e carinhoso sob um disfarce. Se ela acreditou no conto de fadas de que seu beijo faria o sapo virar um príncipe, acabou percebendo que estava redondamente enganada. Na verdade, ele era muito mais perigoso do que parecia, sobretudo depois daquele primeiro beijo, quando decidiu que ela lhe pertencia.

Ninguém jamais explicou a sequência de eventos que levou minha mãe a ser acusada e presa por suposta fraude da previdência social. Tudo começou com uma denúncia anônima, afirmando que, de alguma forma, ela era um perigo para a sociedade, pois trabalhava — para sustentar seus dois filhos (Ophelia e eu) e um terceiro a caminho (minha irmã Sharon) — e recebia auxílio governamental ao mesmo tempo. O autor da denúncia anônima foi Freddie, um inútil disposto a fazer ou dizer

qualquer coisa para mantê-la presa por três anos apenas porque ela havia cometido o crime de tentar largá-lo.

Foi por causa das ações de Freddie que Ophelia e eu passamos esses três anos morando em lares adotivos ou com parentes, sem saber por que ou quando nossa situação de vida mudaria.

Assim como ninguém me disse que era minha mãe quem fazia o caramelo puxa-puxa ao nos visitar no lar adotivo em suas saídas temporárias da prisão, ninguém explicou quando Ophelia e eu fomos morar com meu tio Archie e sua esposa Clara, ou TT, como a chamávamos. Na Louisiana, toda a família Gardner parecia ter feito um juramento de sigilo, pois questões sérias sobre o passado quase sempre eram ignoradas, uma regra que minha mãe deve ter instituído por não gostar de discutir coisas desagradáveis.

Durante a minha adolescência, houve uma ocasião em que insisti para saber quem era meu pai e por que ele era ausente. Mamãe me deu um de seus olhares tortos, do tipo que me calava rápido.

“Mas...”, tentei protestar.

Ela balançou a cabeça, recusando-se a colaborar.

“Por quê?”

“Bem, porque passado é passado”, respondeu categoricamente. Ao perceber minha frustração, suspirou, acrescentando: “Não há nada que você possa fazer.” E deu um basta nas minhas perguntas com uma observação melancólica: “As coisas são como são.” Ponto-final.

Mesmo que ainda tivesse dúvidas e esperasse que uma explicação caísse do céu, retomei minha tentativa de ser o mais feliz possível — uma tarefa que, no início, foi bem fácil.

O território do familiar onde cresci, em uma das áreas mais pobres do lado norte de Milwaukee, era um mundo que passei a considerar uma *Happy Days* estrelada por negros. Assim como na sitcom ambientada na década de 1950 — mesmo período em que meu bairro parecia ter sido paralisado no tempo, permanecendo assim mesmo décadas depois —, havia pontos de encontro; lugares onde grupos de diferentes idades se reuniam para socializar; comerciantes excêntricos; e uma profusão de personagens interessantes. Enquanto a única cor preta na sitcom era a jaqueta de couro de Fonzie, na minha vizinhança, durante os primeiros doze anos da minha vida, eu só via pessoas brancas na televisão e em carros de polícia.

Alguns dos melhores personagens da nossa versão de *Happy Days* eram meus parentes, começando com meus três obstinados tios. Depois que Willie e Henry serviram no Exército, viajando para terras distantes, ambos voltaram para Louisiana a tempo de encontrar Archie. Juntos, os irmãos entraram em um consenso de se distanciar o máximo possível do preconceito sulista. O plano era ir para o Canadá, mas, diz a lenda, quando o carro quebrou em Milwaukee, eles ficaram ali mesmo.

Os esforçados irmãos Gardner não tiveram muitos problemas para transformar Milwaukee em um lar. Para eles, a cidade promissora e versátil, localizada na confluência do rio Milwaukee com o Lago Michigan — o que propiciava solo rico para a agricultura e hidrovias amplas para o comércio e a indústria — era sua terra prometida, repleta de oportunidades. Para aguentar os extremos das estações, os invernos rigorosos e os verões escaldantes, era preciso ter uma força inata e o tipo de habilidade prática e dinâmica que meus parentes, e muitas das outras minorias e imigrantes, levaram para Wisconsin. Essas qualidades deviam estar presentes também nos descendentes dos legítimos habitantes de Milwaukee — membros de povos nativos como Winnebago e Potawatomi. Havia uma outra característica local que não era exclusiva dos recém-chegados

negros, judeus, italianos e europeus orientais, ou das famílias da primeira onda de colonos da Alemanha, Irlanda e Escandinávia, ou dos nativos norte-americanos da região: um otimismo quase insano.

Todos aqueles sonhos ambiciosos e pragmáticos às vezes resultavam em exagero. Não bastava ter uma marca de cerveja; Milwaukee tinha que ter várias. A região não podia ser famosa apenas pelos laticínios; tinha que ter o melhor queijo do mundo. Não havia apenas uma grande indústria, mas várias — desde olarias, curtumes, cervejarias, estaleiros, frigoríficos até as dominantes siderúrgicas como Inland Steel e A. O. Smith e a gigante automobilística American Motors (extinta no final dos anos 1980).

Foram principalmente as siderúrgicas, as fundições e as automobilísticas que atraíram para o norte — Milwaukee, Detroit, Chicago e Cleveland — tantos negros de estados como Louisiana, Alabama, Mississípi e Geórgia e de locais ao sul da Mason-Dixon. Esses empregos como operários eram considerados bem melhores do que uma vida de meeiro no calor sufocante do sul de Dixie, em lugares onde, menos de um século antes, vários negros haviam sido escravizados. Parecia que quase todo mundo tinha parentes que preservavam os costumes rurais e a união. Sam Salter — o pai de Ophelia — foi parar com a família em Milwaukee, assim como outros amigos da Louisiana. Os Triplett, algumas das pessoas mais legais e gentis — com exceção de Freddie, a maçã podre — tinham vindo do Mississípi.

Durante a semana, o trabalho era árduo, mas nos dias de descanso, pelo menos no meu bairro, a diversão e a oração eram ainda mais intensas. Beber socialmente era algo inexistente em nossa parte de Milwaukee. A festa começava na sexta-feira, após o expediente na Inland Steel — onde Archie e Willie trabalharam até se aposentarem e Henry até morrer, mais cedo do que deveria —, e só terminava domingo de manhã, quando era hora de ir à igreja pedir perdão.

Entre os quatro e cinco anos de idade, quando morei com o tio Archie e a tia TT, comecei a apreciar o ritmo habitual da semana de trabalho. Meu tio e sua esposa mantinham um ambiente tranquilo e pacífico, sem muitas regras. Uma cristã devota, TT se certificou de que adotássemos essa antiga religião. Aos domingos, passávamos o dia na Tabernacle Baptist Church e, nos verões, frequentávamos o ensino bíblico diariamente, além de acompanhá-la a todas as reuniões especiais do meio da semana e comparecer aos funerais dos membros da igreja, quer os conhecêssemos ou não. A maior parte dessas atividades não me incomodava, considerando todo o entretenimento de observar os vários personagens da vizinhança pecando durante a semana e, depois, vestindo a máscara de bom samaritano. Eu adorava os hinos de louvor, a sensação de ardor e paixão e, principalmente, a conexão com a comunidade que experimentei em uma época em que não sabia exatamente quem era minha mãe ou onde ela estava.

Apesar de nunca tentar substituir mamãe, TT nos proporcionava amor e conforto. Ninguém sabia cozinhar como Bettye Jean, mas minha tia fazia uma inesquecível broa de milho que uma criança em fase de crescimento como eu não conseguia devorar rápido o suficiente. Tampouco conseguia devorar rápido o suficiente os livros que TT comprava incessantemente para mim. Mais tarde, minha mãe reforçou a importância da leitura, ensinando-me seu próprio credo de passar o maior tempo possível em nossa biblioteca pública. Para me explicar o quão poderoso um prédio cheio de livros pode ser, ela disse: “O lugar mais perigoso do mundo é uma biblioteca pública.” Isso, é claro, se você souber ler; segundo mamãe, se souber ler, pode entrar lá e descobrir qualquer coisa. Do contrário...

No entanto, foi TT quem incutiu em mim o amor pela leitura e pela narração de histórias. Embora ainda não soubesse ler, depois que TT lia os livros para mim, eu olhava as ilustrações e conseguia me lembrar

parcialmente das palavras e das histórias, o que me dava a sensação de que já sabia ler. Havia livros de mitologia grega e romana, contos de fadas clássicos para crianças, histórias de aventura e meu primeiro gênero favorito — as lendas do Rei Arthur e dos Cavaleiros da Távola Redonda. A história da Espada na Pedra me marcou profundamente, me fazendo acreditar que um dia, de alguma forma, eu encontraria o destino que me esperava.

Os livros me permitiam não apenas viajar na minha imaginação, mas olhar para o mundo do desconhecido através de janelas e não sentir medo. Isso até que TT me trouxe um livro que eu queria muito, *The Boys' Book of Snakes*. Era um grande livro verde-claro, da cor de uma cobra de jardim, que me cativou por dias a fio enquanto eu estudava cada detalhe do mundo das serpentes — desde cobras-corais e falsas-corais, que pareciam amigáveis, até as mortais cascavéis, najas e pítons. Durante o dia, eu ficava fascinado, mas, à noite, principalmente durante pesadelos em que minha cama ficava infestada de cobras venenosas se contorcendo e sibilando, arrependia-me de ter visto aquelas fotos.

Pelo visto, TT e tio Archie também, pois acordavam no meio da noite e me encontravam espremido entre eles. “Que diabos...”, começava tio Archie, mas nenhuma tentativa de me acalmar ou repreender faria com que eu fosse para a minha cama. No fim das contas, eles voltavam a dormir, eu me sentia seguro e não sofria grandes constrangimentos — até que me tornei um garoto grande e forte, passando a ser alvo de sua chacota impiedosa.

A outra janela para o mundo do desconhecido era a TV em preto e branco, e a melhor imagem que já vi nela foi de Sugar Ray Robinson parado ao lado de um Cadillac.

“Pronto, agora já vi de tudo”, exclamou tio Archie, com a mão no meu ombro, apontando para a tela da TV. “Sugar Ray Robinson comprou um Cadillac *rosa!*”

Como a imagem da TV era em preto e branco, só descobrimos a cor do carro porque o locutor falou, mas era incrível de qualquer jeito.

Às sextas-feiras, nas noites de luta patrocinadas pela Gillette Blue Blades, era meu momento com tio Archie. Sentávamos juntos — sem TT e Ophelia — e aproveitávamos cada minuto, desde as conversas antes da luta, nas quais ele me contava tudo o que sabia sobre a história do boxe, até o momento em que ouvíamos aquela música introdutória, repleta de suspense, que desembocava na estrondosa frase “um oferecimento da Gillette!”, dita pelo locutor para frisar o início do combate.

Tio Archie tinha uma calma contagiante, fosse durante a exaltação das lutas, fosse durante as crises que surgiam. Com quase trinta anos na época, ele não tinha filhos, e eu não tinha um pai, o que acabou nos aproximando. Além da diligência no trabalho, meu tio usava sua serenidade e inteligência aguçada para subir na hierarquia de seu sindicato na Inland Steel, sendo um exemplo de perseverança e foco para mim. Um cara muito bonito, cuja aparência era a versão masculina de mamãe — negro de pele clara, mas não tão clara, esguio e baixo, mas com uma postura que o fazia parecer mais alto —, Archie se vestia com muita elegância, algo que influenciou meu senso de estilo e o tipo de roupas que apreciava muito antes de poder pagar. Pautado na moderação, seu visual era aseado — cabelos curtos, bigode bem aparado e roupas discretas, mas sempre impecáveis. Sempre.

Na tradição pugilista do tio Archie, Joe Louis, o Brown Bomber, era invencível. Ele cresceu acompanhando o boxeador pelo rádio, captando cada golpe com todos os sentidos de seu corpo — jab, gancho, direto, cruzado —, tudo por um meio de comunicação não visual. Como resultado, tio Archie conseguia narrar essas lutas para mim tão bem quanto qualquer locutor da época. Agora, assistíamos juntos ao desenrolar da história, com Sugar Ray Robinson mantendo-se firme e forte, especialmente em sua luta com Jake LaMotta, que jamais esquecerei. Sugar Ray

e os outros boxeadores eram extraordinários, super-heróis que podiam fazer e ter o que quisessem, incluindo um Cadillac rosa. Para um pobre garoto do gueto como eu, aquilo significava absolutamente tudo, era um prenúncio da Ferrari vermelha. Mas Sugar Ray Robinson e seu carro estavam na televisão, em uma realidade distante. Eu tinha algo mais próximo, que me revelava o belo mundo além do gueto: o catálogo da Spiegel.

Por meio daquelas páginas repletas de certa permissão para sonhar, Ophelia e eu experimentávamos vidas alternativas à medida que brincávamos de um jogo que inventamos, chamado Esta Página/Aquela Página, que consistia em virar uma página aleatória do catálogo e, então, reivindicar todos os itens mostrados nela. “Tudo isto é meu”, eu dizia após virar uma página, “os móveis, as roupas”. Ophelia entrava no ritmo: “Esta página é minha, este lindo fogão e estas joias!” O catálogo da Spiegel devia ter mais de trezentas páginas, então nunca nos cansávamos do jogo.

Certo ano, em pleno inverno, mudamos o jogo em homenagem ao Natal. Quando chegava a vez de Ophelia, ela virava uma página e exibia seu sorriso de irmã mais velha, anunciando que todos os itens ali eram meus. Ao apontar para os presentes fictícios de Natal, ela reforçava: “Estou lhe dando tudo isto. Esta página é sua.”

Na minha vez, eu virava a página e exclamava: “Estes são os meus presentes para você. Tudo isto é seu!” Eu não sabia o que me deixava mais feliz, ganhar uma página ou oferecer uma.

Naquelas horas em que jogávamos Esta Página/Aquela Página, não havia discussão sobre quem era mamãe, onde ela estava ou quando voltaria. Mas uma sensação de expectativa pairava no ar. Estávamos sempre à espera, ansiando pela pessoa que viria nos buscar. Por esse motivo, não foi um choque nem mesmo um momento memorável quando, finalmente, ouvi que mamãe estava saindo de onde quer que estivesse —

prisão, agora sei — para nos encontrar (eu, Ophelia e nossa irmãzinha Sharon, que de repente entrou em cena).

Embora a história de Cinderela da minha mãe não tivesse se desdobrado como no livro, eu pressentia que o nosso reencontro seria um conto de fadas. Todas as lembranças felizes da belíssima mulher que fazia caramelo puxa-puxa me preenchiam com uma expectativa maravilhosa e, por um vívido instante, a realidade de estarmos juntos me deixava mais feliz do que qualquer outra coisa que eu poderia ter sonhado. Mas esses sentimentos foram rapidamente ofuscados quando Freddie Triplett invadiu a minha vida. Era de se esperar que eu passasse por um período de cordialidade com o homem que se tornou marido de mamãe e meu padrasto, mas o considerei um inimigo assim que bati os olhos nele.

Embora eu não tivesse noção da violência que Freddie causaria em nossas vidas, devo ter percebido sua maldade e seu suposto prazer em me magoar. Meu palpite foi confirmado quando ele disparou a frase que usava para me ferir sempre que podia, como um golpe em meu coração, que incitava toda a raiva e o ressentimento que mais tarde irromperiam. Na primeira vez que me lembro de tê-lo visto, sem qualquer provocação, Freddie se virou para mim e, com o olhar fulgurante e a voz colérica, proclamou sem rodeios: “Eu não sou seu maldito papai!”

AMOSTRA

O Blues de um Filho sem Pai

Chris! Chris, acorde!”, ceceou Sharon, minha irmã de três anos, enquanto cutucava meu ombro com a mãozinha.

Sem abrir os olhos, tentei me situar. Era madrugada de Halloween e eu estava na minha cama, que ocupava a maior parte do pequeno cômodo da casa de fundos onde morávamos — atrás da “Casa Grande”, propriedade de Bessie, irmã de Freddie, na esquina da Eighth com a Wright. Assim que me localizei, voltei a dormir, pois queria descansar mais um pouco. A ironia era que, embora o sono às vezes acarretasse pesadelos, a realidade dos momentos em que estava acordado me causava um medo maior.

Desde o momento em que mamãe foi nos buscar — eu, Ophelia e Sharon, que tinha nascido na penitenciária feminina — para morar com ela e Freddie, a vida mudou drasticamente e principalmente para pior. O mundo do desconhecido que me afligia quando ficamos com tio Archie e TT era maravilhoso em comparação com os acontecimentos no território do familiar controlado por Freddie Triplett. Mamãe nos dava todo o amor, a proteção e a aprovação que podia, mas muitas vezes isso parecia tornar Freddie ainda mais brutal do que já era.

Meus instintos me diziam que o mais lógico era encontrar algum jeito de fazê-lo gostar de mim. Porém, não importava o que eu fizesse, sua reação era me atacar, muitas vezes literalmente. Quando morávamos com tio Archie e TT, Ophelia e eu às vezes tomávamos umas palmadas, mas, com Freddie, levávamos surras o tempo todo, geralmente pelo simples motivo de ele ser um bêbado ignorante, violento e abusivo.

No início, eu achava que Freddie pudesse se orgulhar das minhas notas boas. Aos cinco, seis e sete anos de idade, a escola era um paraíso para mim, um lugar onde eu prosperava no aprendizado e nas interações sociais. Minha exposição precoce aos livros valeu a pena e, com o incentivo contínuo de mamãe, rapidamente aprendi a ler. Uma de minhas professoras favoritas, a Sra. Broderick, costumava reforçar meu amor pelos livros ao pedir que eu lesse em voz alta — por mais tempo do que qualquer um de meus colegas. Como não tínhamos televisão naquela época, a leitura tornou-se ainda mais significativa em casa, especialmente porque, após seu longo dia de tarefas domésticas, mamãe adorava saber o que eu havia lido ou aprendido na escola.

Minha mãe ainda tinha esperanças de que um dia obteria a formação e a licença necessárias para lecionar no estado de Wisconsin. Até então, ela se dedicava a cuidar dos quatro filhos — Ophelia, eu, Sharon e Kim, minha irmãzinha mais nova, que nasceu nessa época. Mamãe não reclamava de faxinar a casa de pessoas ricas (brancas), mas também não falava sobre o trabalho. Em vez disso, experimentava uma vida alternativa ao ouvir os relatos do que meus professores haviam ensinado ou ao folhear alguns dos livros ilustrados que eu levava para casa. *The Red Balloon* era um livro que li repetidas vezes, sentado ao lado de mamãe e mostrando a ela as ilustrações de uma cidade mágica onde um menino e seu balão vermelho saíam voando, explorando os telhados. Seus olhos cintilavam com uma bela serenidade, como se ela estivesse nas nuvens, talvez sonhando em ser aquele balão e voar cada vez mais alto, para bem

longe. Eu não sabia que a cidade mágica da história era um lugar chamado Paris, em um país chamado França. E certamente não fazia ideia de que visitaria Paris em várias ocasiões.

É claro que minhas realizações como estudante do ensino fundamental deixavam mamãe orgulhosa. Porém, se alguma vez pensei que isso me faria ganhar credibilidade com meu padrasto, eu estava redondamente enganado. Na verdade, Freddie Triplett — que não sabia ler nem escrever — passava cada minuto menosprezando a alfabetização. Naquela época, ele tinha trinta e poucos anos e havia estudado só até a terceira série, quando ainda morava no Mississípi. O pequeno Freddie não conseguia nem discar um número de telefone, uma dificuldade que o acompanhou até a vida adulta. Isso, sem dúvidas, acarretava uma profunda insegurança, que ele disfarçava com a afirmação de que qualquer um que pudesse ler ou escrever era um “espertinho de merda”.

Claro, em sua lógica, isso incluía mamãe, eu, minhas irmãs ou qualquer pessoa que soubesse algo que Freddie não sabia, o que significava que poderiam se aproveitar dele. No fulgor ensandecido de seus olhos, era perceptível que ele habitava um mundo cheio de espertinhos de merda determinados a humilhá-lo. Esse tipo de pensamento misturado com álcool resultava em uma grande paranoia.

Embora algumas dessas percepções tenham me ocorrido logo no início, por um tempo me dispus a enxergar além delas e a me comportar da melhor forma possível, na esperança de que Freddie descobrisse seu lado paternal. Certa tarde, essa esperança foi destruída durante uma visita de Sam Salter, o pai de Ophelia.

Inusitadamente, Salter e Freddie simpatizaram um com o outro, tornando-se grandes amigos e parceiros de bebida. Isso não fazia sentido, não apenas porque ambos tinham filhos com mamãe, mas também porque eram muito diferentes. Todas as vezes que nos visitava, Salter adentrava o ambiente com cordialidade e o típico charme de um cavalheiro

sulista. Um professor de ensino médio bem vestido e articulado — que sabia ler, escrever e argumentar tão bem que todos pensavam que era advogado, embora o amigo nunca o tenha xingado de espertinho de merda —, Samuel Salter não tinha nada em comum com Freddie Triplett, que conquistava seu espaço pela intimidação. Às vezes, quando queria ficar sozinho, Freddie pegava sua espingarda carregada e a agitava, gritando: “Dê o fora da minha casa!” Outras vezes, ele recorria a um discurso inflamado, gesticulando furiosamente com um Pall Mall aceso em uma das mãos e seu sempre presente meio litro de uísque na outra.

Old Taylor era a sua marca preferida, mas Freddie também gostava de Old Grand-Dad, Old Crow ou basicamente qualquer outro uísque que estivesse na sua frente. Ele não usava um cantil de bolso para carregar a bebida, como alguns dos negros mais sofisticados faziam. Vestido com seu uniforme, que consistia em calça jeans ou caqui, camisa de lã sobreposta, sempre, a uma camiseta e botinas, Freddie simplesmente saía levando sua garrafa de meio litro. Para todos os lugares. Era como um apêndice. Como ele conseguia manter seu emprego na A. O. Smith — onde trabalhou até se aposentar, com todos os benefícios — era um grande mistério para mim. Admito, como trabalhador, Freddie era esforçado; porém, como beberrão, era mais esforçado ainda.

Naquela tarde em que Salter nos visitou, Ophelia e eu corremos para cumprimentá-lo, e Freddie chegou logo em seguida. Salter sempre levava um agrado para nós — geralmente dois dólares para Ophelia, sua filha biológica, e um dólar para mim, seu filho de coração. Nesse dia, seguimos o costume: antes da minha vez, Ophelia recebeu um abraço, um beijo e seu dinheiro; depois disse “Tchau, Papai!” e foi embora.

Salter sorriu ao ver minha mão aberta e, sem hesitar, me elogiou pelo sucesso na escola, entregando-me uma nota de um dólar novinha em folha. Sentimentos felizes se agitaram dentro de mim e não pude evitar a pergunta: “Você não pode ser meu papai?”

“Posso”, assentiu Salter, pensativamente. “Também sou seu papai, toma aqui.” Ele pegou outra nota de um dólar e me entregou, dizendo: “Agora guarde esse dinheiro na sua poupança, filho.”

Embora eu não tivesse poupança, fiquei todo sorridente, me exibindo por estar um dólar mais rico e pelo pai de Ophelia ter concordado em também ser meu pai. Nesse momento, deparei-me com a carranca de Freddie, que do nada berrou: “Eu não sou seu maldito papai e não vou te dar merda nenhuma!”

Foi um balde de água fria. Olhei de relance para Salter, que estava fitando Freddie de um jeito estranho. Talvez seu olhar contundente pretendesse insinuar algo semelhante ao que eu estava sentindo — que Freddie não tinha direito de dizer nada, primeiro porque eu estava conversando com Salter, segundo porque sua afirmação era um castigo cruel e desnecessário. Freddie só estava reiterando algo que sempre dizia, geralmente acompanhado de comentários constantes sobre o tamanho das minhas orelhas.

Mesmo quando eu estava por perto, sempre que alguém perguntava por mim, ele urrava: “Não sei onde está aquele maldito orelhudo!”

Então, fazendo pouco caso, Freddie se virava e olhava para mim com um sorriso maldoso — como se me humilhar e ferir minha autoestima o tornasse um homem melhor —, enquanto eu apenas observava, sentindo meu rosto queimar de vergonha e mágoa.

Certa vez, eu estava no banheiro quando ouvi alguém me procurando e escutei Freddie resmungar pelas minhas costas: “Não sei onde está aquele maldito orelhudo!” Já era ruim o bastante quando dizia isso na minha frente, especialmente porque gostava de me ver tentando disfarçar minha dor aos sete anos, mas era ainda pior ouvi-lo quando ele realmente não sabia onde eu estava. Além disso, ao olhar para minhas orelhas no espelho do banheiro, percebi que eram meio grandes, o que

fez os insultos machucarem ainda mais. Não importava que, um dia, elas ficariam em um tamanho proporcional.

Além dos comentários de Freddie e de algumas das crianças do bairro e da escola que me chamavam de “Dumbo” — o elefante voador do desenho animado da Disney —, o golpe na minha autoestima era agravado pelo vazio de não ter um pai. Todo mundo sabia quem era seu próprio pai. O pai de Ophelia era Salter, o pai de Sharon e Kim era Freddie, e todos os meus amigos tinham um pai. Aquele comentário desnecessário de Freddie, quando Salter me deu dois dólares, finalmente deixou claro para minhas pueris sensibilidades que ele nunca seria afetuoso comigo. Então, a dúvida se tornou: o que posso fazer a respeito?

Meu plano de longo prazo já estava traçado, começando com a promessa solene de que, quando tivesse meu próprio filho, ele saberia muito bem quem eu era, pois eu seria presente em sua vida. Mas o plano de curto prazo era muito mais difícil de formular. Além da fragilidade de não ter um pai e ser rotulado de “maldito orelhudo”, como eu poderia me esquivar da impotência provocada pelo medo crescente, algo ainda mais prejudicial para a minha psique?

Eu tinha medo do que Freddie poderia fazer e do que já tinha feito. Muito medo. Medo de voltar para casa e encontrar minha mãe assassinada. Medo de que minhas irmãs e eu fôssemos assassinados. Medo de que, ao chegar bêbado e sacar sua espingarda, apontando-a para nós e nos acordando aos berros — “Desapareçam da minha maldita casa!” —, ele cumprisse a promessa de matar todo mundo. A essa altura, a situação era tão grave que mamãe dormia no sofá da sala sem tirar os sapatos — caso precisasse fugir rapidamente, carregando o bebê e nos arrastando para fora. Medo de que, quando espancasse minha mãe, deixando-a à beira da morte, ele fosse além desse limite. Medo de presenciar essa surra, ver Freddie batendo em Ophelia ou eu mesmo apanhar,